

AULAS
PÚBLICAS

19-20 JAN
11H00-17H00

AUDITÓRIO 2
E SALA 1



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN

ORGANIZAÇÃO



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN

DESCOBRIR
Programa Gulbenkian
Educação para a Cultura e Ciência

ESCOLAS PARCEIRAS



OUTROS PARCEIROS





10 x 10 / 3

PROGRAMA

SÁBADO, 19 DE JANEIRO

11H00—AUDITÓRIO 2

O ROBÔ AJUDA

12H15—SALA 1

QUEREM VIR COMER À CANTINA?

14H30—AUDITÓRIO 2

A CLONAGEM

15H15—AUDITÓRIO 2

ENSINO x ARTE – PARTILHA DE UMA EXPERIÊNCIA

16H15—SALA 1

PALAVRAS, POESIA E PLANETA

DOMINGO, 20 DE JANEIRO

11H00—AUDITÓRIO 2

POSSO ESCREVER SOBRE MIM?

12H15—AUDITÓRIO 2

FALAR EM INGLÊS

14H30—SALA 1

HABITÁCULO(S) DE MEMÓRIAS

15H30—AUDITÓRIO 2

O CADERNO COMO OFICINA DE EXCELÊNCIA

16H15—AUDITÓRIO 2

PARTILHAR FILOSOFICAMENTE

O Programa Gulbenkian Educação para a Cultura e Ciência promoveu o projeto piloto 10 × 10 com o intuito de envolver professores, artistas e alunos num trabalho de valorização de conteúdos curriculares do ensino secundário, estimulando a interação de perspetivas, dos saberes e da criatividade de cada um. O projeto visou especialmente estimular os professores, sujeitos a uma rotina difícil e desgastante, contribuindo para a renovação do seu reportório de ferramentas pedagógicas e de estratégias de comunicação na sala de aula.

ENQUADRAMENTO

É pertinente partilhar dificuldades e práticas de sucesso no que toca ao envolvimento dos alunos na grande aventura que é aprender.

O que fazer para tornar a matéria curricular relevante para o aluno, relacionando-a com o universo das suas experiências e interrogações? Será que podemos desenvolver novas abordagens ao ensino de disciplinas como o português ou a matemática? Como passar do ensino sequencial e transmissivo para a aventura de ensinar aprendendo e aprender participando? O objetivo do projeto 10×10 foi esse: explorar o potencial de uma colaboração estreita entre professores e artistas para dar respostas a estas perguntas. Pensámos assim num processo com três passos fundamentais.

O primeiro foi uma Residência de 6 dias na Fundação Gulbenkian onde os artistas e os professores desenvolveram uma relação forte e cúmplice de partilha de saberes e experiências em ambiente informal. O segundo aconteceu nas escolas durante o primeiro período deste ano letivo de 2012/2013. Consistiu na conceção de um projeto pedagógico singular, por uma dupla de professor/artista, para aplicar em sala de aula e no contexto da disciplina, algumas das micropedagogias exploradas durante a Residência. Os alunos foram chamados a participar ativamente durante o processo e a contribuir com as suas dúvidas e sugestões. Cada artista ajudou o seu parceiro professor a idealizar uma forma de partilhar esta experiência com a comunidade educativa – professores, artistas, educadores, investigadores, encarregados de educação –

através de uma “aula pública” a realizar na Fundação Gulbenkian e também na própria Escola.

PERFIL DOS PARTICIPANTES

Foram convidados dez artistas no ativo, de várias idades e expressões artísticas – artes visuais, cinema, música, performance, teatro e dança – todos eles com experiência no ensino, nuns casos em contexto formal, noutros em contexto não formal. Foram selecionados, através de candidatura, dez professores do ensino secundário também de várias idades e disciplinas: biologia, economia, português, artes visuais, informática, inglês e filosofia. Dez artistas para dez professores.

OS DEZ PROFESSORES

- [Ana Margarida Nunes](#), área de Biologia e Geologia, do Agrupamento de Escolas da Abrigada
- [Ana Maria Fernandes](#), área de Filosofia, do Agrupamento de Escolas Alves Redol
- [António Joaquim Martins](#), da área de Filosofia, destacado a exercer funções no M.E.
- [Dora Cristina dos Santos](#), área de Inglês, da Escola Secundária Seomara da Costa Primo
- [Ilda Maria Dinis](#), área de Economia e Contabilidade, do Agrupamento de Escolas Alves Redol
- [Fernanda Maria do Rosário](#), da área da Biologia e Geologia, da Escola Secundária D. Pedro V
- [Maria Lemos Bárcia](#), área de Português, da Escola Secundária com 3º ciclo Padre António Vieira
- [Mário Linhares](#), área das Artes Visuais, do Colégio de Santa Doroteia
- [Paulo Jorge Torcato](#), área

da Informática, do Agrupamento de Escolas da Portela e Moscavide
 → [Pedro Miguel de Jesus](#), área das Artes Visuais, do Colégio de Santa Doroteia

OS DEZ ARTISTAS

→ [Ágata Mandillo](#), área da Música e contadora de histórias
 → [Aldara Bizarro](#), área da Dança
 → [AntonioPedro](#), áreas da Música e do Cinema
 → [Margarida Mestre](#), áreas da Voz e Movimento
 → [Maria Gil](#), área do Teatro
 → [Miguel Horta](#), área das Artes Visuais e contador de histórias
 → [Pedro Sena Nunes](#), área do Cinema
 → [Ricardo Jacinto](#), áreas das Artes Visuais e Música
 → [Simão Costa](#), áreas da Música e Tecnologias digitais interativas
 → [Sofia Cabrita](#), área do Teatro

MEDIADORES

→ [Dina Mendonça](#), investigadora de filosofia, pós-doutoramento do Instituto de Filosofia de Linguagem
 → [Judith Silva Pereira](#), avaliadora e consultora acreditada pelo Conselho Científico da Formação Contínua, no Centro de Formação António Sérgio
 → [Susana Gomes da Silva](#), educadora e curadora educativa, coordenadora do setor educativo do Centro de Arte Moderna, FCG

PROTOCOLOS E AVALIAÇÕES

Para tudo acontecer com alguma tranquilidade e organização, o projeto foi integrado no plano de atividades das escolas parceiras através de protocolos estabelecidos com as respetivas direções; o calendário de trabalhos foi estudado de forma

a equilibrar a duração do projeto com a disponibilidade do professor. E porque se trata de um projeto piloto, contamos com dois avaliadores para acompanhar o projeto durante as suas várias etapas e produzir uma análise rigorosa dos pontos fortes e fracos da metodologia adotada, bem como do impacto do projeto no trabalho dos professores e dos próprios artistas.

AS ESCOLAS

→ [Agrupamento de Escolas da Abrigada](#)
 → [Agrupamento de Escolas Alves Redol](#)
 → [Agrupamento de Escolas da Portela e Moscavide](#)
 → [Colégio de Santa Doroteia](#)
 → [Escola Secundária D. Pedro V](#)
 → [Escola Secundária com 3.º ciclo Padre António Vieira](#)
 → [Escola Secundária Seomara da Costa Primo](#)

OUTROS PARCEIROS

Um projeto com estas características requer dos participantes uma grande capacidade de abertura, exposição, disponibilidade e capacidade de risco. Para contar à partida com o empenho dos professores, foi decidido lançar uma convocatória aberta a qualquer professor do ensino secundário associado a uma escola da área da grande Lisboa. Nesse sentido foi preciosa a colaboração de dois Centros de Formação de Escolas em todo o processo de preparação, divulgação e seleção dos professores que se candidataram.

→ [Centro de Formação de Escolas António Sérgio](#)
 → [Centro de Formação de Escolas Centro-Oeste das Caldas da Rainha](#)

O ROBÔ AJUDA!

CONCEÇÃO PAULO TORCATO E ALDARA BIZARRO

APRESENTAÇÃO PAULO TORCATO E ALUNOS DA TURMA 12º G

ESCOLA ESCOLA SECUNDÁRIA ARCO-ÍRIS

DURAÇÃO 45'

LOCAL AUDITÓRIO 2

AGRADECIMENTOS DIRETORA DA ESCOLA MARINA SIMÃO,

PROFESSORAS TERESA FERREIRA E TERESA BAPTISTA,

DIRECTORA DE TURMA ANA CAMELO E JUDITH SILVA PEREIRA.

SINOPSE

Projetos de desenvolvimento de robôs móveis são um meio extremamente eficaz de aproximar e captar jovens para a área das ciências e em particular para a área das engenharias e tecnologias da informação. Sempre que se pode aliar a observação ao desenvolvimento dos próprios robôs, há uma motivação acrescida, pelo esforço realizado na criação de algo novo e com um comportamento autónomo.

ENQUADRAMENTO DO PROJETO NA ESCOLA

A turma 12º G é constituída por 22 alunos, 21 de nacionalidade portuguesa e 1 de nacionalidade colombiana, 11 raparigas e 11 rapazes, com idade média de 17 anos. Metade dos alunos frequenta o Curso de Ciências e Tecnologias, tendo Biologia como disciplina específica, e a outra metade frequenta o Curso de Artes Visuais, tendo Desenho A como disciplina específica. Todos frequentam a disciplina Aplicações Informáticas B onde foi implementado o projeto. Foi grande o desafio de conciliar

interesses tão diferentes e definir atividades de modo a transformar dois grupos numa turma coesa e envolvida no projeto. A colaboração da coreógrafa revelou-se especialmente útil a este nível, propondo atividades que cruzavam elementos dos dois cursos e funcionando assim como um poderoso elemento aglutinador. As aulas tiveram uma forte componente prática e experimental, com acesso a equipamento para construção, programação e teste de robôs móveis, providenciado pela escola. Procurou-se envolver outros professores, quer da área artística quer da área científica, o que permitiu trazer outras dinâmicas e reforçar a integração do projeto na escola. Para além do trabalho de descoberta do corpo e da sua dimensão emocional e pensante dentro da sala de aula, a coreógrafa procurou também explorar uma relação coreográfica com a ação do robô. Outro aspeto importante nesta colaboração, foi proporcionar maior conforto dentro da sala de Informática, pelo que se realizou mesmo uma

transformação da sala, limpando-a e pintando-a. Aproveitou-se esta operação para expor trabalhos já existentes dos alunos da área artística, que contribuíram para tornar a sala mais acolhedora, despertando um sentimento de pertença e de responsabilidade no seio da turma.

DESCRIÇÃO SUMÁRIA DO PROCESSO

A metodologia usada, inspirada no *project based learning* permitiu estimular a participação ativa dos alunos no processo de aprendizagem, valorizando os seus conhecimentos e experiências, envolvendo-os na análise, discussão, identificação e procura de soluções.

Nas sessões iniciais foram apresentadas aos alunos várias tecnologias e soluções típicas, designadamente tecnologias de sensores para robôs móveis, locomoção, morfologia e interação com o ambiente, bem como arquiteturas de processamento. Estas sessões iniciais tiveram uma primeira parte teórica recorrendo essencialmente ao método demonstrativo e à exploração do kit de robótica seguindo-se uma segunda parte de experimentação livre, para ajudar os alunos que tomavam contacto com a Robótica pela primeira vez a ganhar sensibilidade, por experiência própria, a uma tecnologia que lhes era nova.

O trabalho da coreógrafa orientou-se para a descoberta do corpo dentro da sala de aula. Para isso estipulou-se um momento dentro da própria aula para desenvolver exercícios físicos em que

todos participavam. Estes exercícios tinham a forma de jogos proforma para que não se desse conta que se estava a dançar. Foram pequenos apontamentos que serviram também para a coreógrafa se integrar na turma. Posteriormente foram definidos objetivos mais concretos, para a construção de um protótipo que ocupou várias semanas de trabalho (projeto, desenvolvimento e teste). Nesta fase foi incentivada uma participação em diferentes subsistemas do protótipo para dar maior visibilidade aos pequenos progressos parciais.

PAULO TORCATO

Nasceu em 1962 na Venezuela. Licenciado em Matemática Aplicada – Ramo Informática pela Universidade Autónoma de Lisboa. Leciona Matemática e Informática desde 1989. É formador nas áreas de Tecnologias Educativas e Didática Específica de Informática. Exerce funções como professor cooperante no Mestrado em Ensino da Informática da Universidade de Lisboa.

ALDARA BIZARRO

Nasceu em 1965 em Moçambique. Estudou dança em Lisboa, em Nova Iorque e Berlim. Desde 1990 que dirige os seus trabalhos contando atualmente com cerca de vinte obras apresentadas nas melhores salas do país. Tem trabalhado como formadora e professora de dança em instituições como a Fundação Calouste Gulbenkian, o CCB, o Centro Cultural Vila Flor, Forum Dança e Escola Superior de Dança.

QUEREM VIR COMER À CANTINA?

CONCEÇÃO ILDA DINIS E ANTONIO PEDRO

APRESENTAÇÃO ILDA DINIS, ALUNOS E PÚBLICO PRESENTE

ESCOLA ESCOLA SECUNDÁRIA DE ALVES REDOL

DURAÇÃO 45'

LOCAL SALA 1

AGRADECIMENTOS À EQUIPA DA GULBENKIAN, AOS COLEGAS E ARTISTAS

ENVOLVIDOS NO PROJETO, ÀS AUXILIARES DE AÇÃO EDUCATIVA, PELO

APOIO PRESTADO, À DIREÇÃO DA ESCOLA, MOZ CARRAPA, MARGARIDA

MESTRE, BAZAR DO VÍDEO.

SINOPSE

Partindo de uma apropriação pessoal da matéria – de onde vem aquilo que uso ou tenho – analisam-se os vários sentidos incluídos no conceito de globalização, suas etapas e fatores que contribuíram para a sua constituição. Explicitação do tema através do resultado das metodologias utilizadas ao longo do processo 10x10: objetos audiovisuais produzidos em conjunto por alunos, professor e artista.

ENQUADRAMENTO DO PROJETO NA ESCOLA

A turma envolvida é do 12º ano e resulta da junção de duas – uma do Curso Profissional de Técnicos de Gestão e outra do Curso Profissional de Técnicos de Gestão de Equipamentos Informáticos, num total de 12 alunos, entre os 17 e os 22 anos, e que pretendem, na sua maioria, ingressar brevemente no mercado de trabalho. No âmbito da disciplina de

Área Integração, foi escolhido para o 10x10 um dos temas do programa, a *Globalização*.

O facto de estarem inseridos no Ensino Profissional e de serem alunos que vêm já de um passado escolar específico (CEF), marcado por algum insucesso, influencia a forma de lecionar dos professores, resultando em metodologias especiais, algo facilitadoras quando comparadas às do ensino dito “normal”, com consequências ao nível da participação e da autonomia dos alunos.

E o facto de serem duas turmas, juntas em apenas algumas disciplinas, tem influência no modo de estar – há uma nítida separação – e aprender dos alunos. Admitindo que para aprender é preciso errar e não ter medo de o fazer, o facto de se estar pouco à vontade num grupo não é facilitador de uma aprendizagem feliz e dinâmica. Dentro deste contexto, a relação da turma com a dupla foi positiva,

tendo-se estabelecido um clima de cooperação entre esta e grande parte dos alunos. Mas nem todos: houve quem permanecesse alheado, distante, ou mesmo regularmente ausente. Apesar disso notou-se um aumento generalizado da participação. O projeto foi bem acolhido na comunidade educativa e enquadra-se na missão definida no projeto educativo do Agrupamento.

DESCRIÇÃO SUMÁRIA DO PROCESSO

O processo teve as seguintes etapas:

- Reconhecimento de territórios – observação participante, conversas informais e entrevistas, quer entre a dupla quer com os alunos, tentando perceber o que, para ambas as partes, funciona bem e aquilo que pode ser melhorado no processo letivo. Desta análise chegámos, entre outras, à conclusão de que existe um aumento geral de interesse e participação quando se consegue que os conteúdos se relacionem com as vivências pessoais de cada aluno. Para além desta premissa orientadora, pareceu-nos importante reforçar o espírito de grupo desta turma mista e tentar variadas abordagens pedagógicas, contrariando alguma previsibilidade e continuidade de métodos, quer dentro da disciplina quer entre as várias disciplinas do curso (como é o caso do recurso ao Power Point).
- Aquecimentos e jogos de grupo – exercícios para quebrar a rotina e reforçar a coesão do grupo envolvendo a voz e o corpo. Alteração recorrente da posição das mesas e cadeiras na sala, exagerando a ideia de anti rotina – quando não sabemos o que vai acontecer, temos necessariamente de estar mais alerta!

- Abordagens criativas aos conteúdos – partindo da matéria, tentámos ter uma estratégia para cada bloco de conteúdos: *Made in* – pesquisa sobre a deslocalização e suas consequências sociais e económicas a partir de um objeto de cada aluno, com fotografias e gravação áudio dos resultados de cada pesquisa; *China Blue* – montagem/edição de um *trailer* a partir de um documentário sobre as fábricas de *jeans* na China; *No Logo* – gravação vídeo de excertos do livro de Naomi Klein, ditos e filmados por cada aluno; *Jogos Pedagógicos* – resolução da pergunta mistério *Porque está a Ana a fazer o trabalho da Rosa?*, sobre deslocalização, e *Debate Global Jeans*, sobre multinacionais/comércio local/comércio justo/globalização, com *role playing* e filmagens.

ILDA DINIZ

Professora efetiva do Grupo 430 – Economia e Gestão, na Escola Secundária de Alves Redol. Licenciada em Organização e Gestão de Empresas, Mestre em Supervisão em Educação, exerceu cargos de Coordenadora de Departamento, Presidente do Conselho Pedagógico, Vice-Presidente do Conselho Executivo e Coordenadora de Projetos Comenius (PICO e VIEWERS).

ANTONIO PEDRO

Músico e cineasta. Atualmente, para além de compor para dança, cinema e vídeo, desenvolve projetos de “cinema ao vivo”, como *Sopa nuvem – um thriller gastronómico*, (uma encomenda do CCB), e realiza vários espetáculos e ateliers onde filma, toca e compõe, tentando aprofundar a relação entre imagem, música e som. É codirector artístico da Companhia Caótica.

A CLONAGEM

(NÃO TEM AULA PÚBLICA, APENAS DESCRIÇÃO DO PROCESSO DE TRABALHO)

CONCEÇÃO FERNANDA DO ROSÁRIO E MARGARIDA MESTRE

APRESENTAÇÃO MARGARIDA MESTRE

ESCOLA ESCOLA SECUNDÁRIA D. PEDRO V

DURAÇÃO 10'

LOCAL AUDITÓRIO 2

AGRADECIMENTOS AOS ALUNOS E À ESCOLA QUE TÃO BEM

ACOLHEU O PROJETO.

SINOPSE

No processo de clonagem o indivíduo clonado possui a mesma informação genética do indivíduo que lhe deu origem. Com o desenvolvimento da ciência e da tecnologia, tornou-se possível clonar animais. Quais as vantagens e inconvenientes da clonagem? Quais os problemas éticos que se colocam à clonagem humana?

ENQUADRAMENTO DO PROJETO NA ESCOLA

A escola, na pessoa do seu diretor, acolheu o projeto de forma simpática e disponível.

Todo o processo prático, até início de Dezembro, decorreu dentro da sala de aula com a professora, a artista e os alunos.

A turma, do 11^o ano, era composta por dez alunos com bom e médio aproveitamento escolar, interessados nas matérias e muito disponíveis para participar nas aulas práticas orientadas pela artista.

Os alunos, curiosos, começaram o projeto com uma atitude tímida, como que "escondidos" fisicamente.

Ao longo das aulas foram libertando a sua fisicalidade, entregando-se às propostas que lhes eram feitas com gosto. O momento de exploração vocal foi sempre muito apreciado e bem participado.

A aula prática teve uma regularidade semanal. A professora participava com os alunos na exploração do movimento e da voz intervindo com explicações teóricas quando era necessária alguma clarificação de conceitos.

No momento em que o processo foi suspenso os alunos tinham desenvolvido uma investigação acerca do tema da clonagem que lhes serviria para, em duplas, defenderem ou não esse processo biológico em forma de jogo de adivinhação. A interpretação desses papéis/personagens seria posteriormente trabalhada e faria parte de um momento da aula pública.

DESCRIÇÃO SUMÁRIA DO PROCESSO

A metodologia de trabalho, essencialmente colaborativa, compreendia a introdução ao tema da aula feita pela professora, seguida

de uma sessão de exploração física e vocal dos conceitos orientada pela artista. Os processos físicos característicos das matérias ligadas à biologia eram vivenciados através do corpo e do seu movimento, incluindo a apropriação/exploração vocal e musical dos conceitos/palavras-chave entretanto introduzidos. Sempre que necessário os exercícios foram complementados por suporte de música ou de imagem projetada. A dupla foi seguindo esta maneira de atuar, procurando ajustar o cruzamento de linguagens entre a professora e a artista e estruturando a aula pública a partir dos processos pedagógicos que se revelavam mais eficazes.

A exploração criativa das matérias da biologia foi passando para as mãos dos alunos de forma gradual, à medida que adquiriam o vocabulário de movimento e voz necessário para resolverem as propostas de “tradução” que lhes eram lançadas.

Na fase apropriada, a filósofa Dina Mendonça foi convidada a orientar mais uma sessão de pensamento sobre o tema escolhido, a *Clonagem*, estabelecendo uma ponte para o tema da *Liberdade* que tinha ficado por aprofundar na sessão anterior. O exercício de reflexão sobre o tema proposto expandiu-se assim num

momento de pensamento livre e autónomo sobre si e sobre os outros, contribuindo para intensificar a interiorização do tema e abrir portas para o seu aprofundamento. Entretanto a professora decidiu interromper o trabalho e desistir da aula pública.

FERNANDA DO ROSÁRIO

Nasceu em Lisboa em 1959. Licenciou-se em Biologia, ramo científico (1983) e ramo educacional (1986), pela Faculdade de Ciências de Lisboa. Mestre em Ciências da Terra e da Vida, pela FCL (2005) é professora de Biologia há 31 anos. Dinamizou um núcleo de microbiologia na Escola onde atualmente exerce a docência.

MARGARIDA MESTRE

Formação em pedagogia, sonoplastia e dança pelo Fórum-dança. Mestre em Artes Performativas – Teatro do movimento pela ESTC de Lisboa. Estudou voz com vários professores, em especial com Shelley Hirsch e Lynn Book, em Nova Iorque. Desenvolve um trabalho de pesquisa e experimentação em redor do cruzamento das linguagens do texto, corpo e voz, realizando regularmente ateliers resultantes desse trabalho. Autora de trabalhos nas áreas da performance, da poesia sonora e recital de poesia.

ENSINO × ARTE – PARTILHA DE UMA EXPERIÊNCIA

CONCEÇÃO ANA MARIA DE ABREU FERNANDES E ÁGATA MANDILLO

APRESENTAÇÃO ANA MARIA DE ABREU FERNANDES

ESCOLA SECUNDÁRIA DE ALVES REDOL – VILA FRANCA DE XIRA

DURAÇÃO 45'

LOCAL AUDITÓRIO 2

AGRADECIMENTOS CONCEIÇÃO LEITÃO, DINA MENDONÇA, MARGARIDA

MESTRE, MARGARIDA SILVA, JUDITH SILVA PEREIRA E SIMÃO COSTA.

SINOPSE

Esta aula pública estabelece um diálogo entre a experiência pessoal e profissional da Professora Ana Fernandes e o trabalho que foi co-construído com os alunos na sala de aula ao longo dos últimos 2 meses. Será uma partilha de resultados entremeadada pela experiência deste processo/projeto que foi o 10 × 10.

ENQUADRAMENTO DO PROJETO NA ESCOLA

O trabalho foi desenvolvido com uma turma do 2º ano do curso profissional de Técnico de Fotografia, no âmbito da disciplina de Área de Integração. O tema selecionado para desenvolver o projeto com os alunos foi a estética e a experiência artística, trabalhado entre o período de 27 de novembro de 2012 a 21 de janeiro de 2013.

O grupo é formado por 8 alunos, 6 raparigas e 2 rapazes, com idades

compreendidas entre os 15 e os 16 anos. Os alunos têm um bom domínio técnico da fotografia e nessa medida utilizou-se a fotografia como forma de expressão base para trabalhar conceitos teóricos, propor novos exercícios e desenvolver o projeto, trabalhando para esse fim outro tipo de expressões em que os alunos aparentavam ter mais dificuldades, nomeadamente na construção de pensamento crítico, capacidade de argumentação e expressão através da escrita. O grupo foi recetivo ao projeto e à presença da dupla na sala de aula desde o primeiro momento e nas palavras dos próprios alunos, foi possível encontrar “momentos de descoberta”. Também é de salientar que o desenvolvimento do projeto teve resultados ao nível da inclusão, na medida em que permitiu a melhor integração de um dos alunos no grupo e no seu processo de ensino-aprendizagem.

Outro aspeto relevante foi a relação e a parceria que se estabeleceu desde o início com a Professora Margarida Silva de Projeto e Produção de Fotografia e com a Professora Conceição Leitão de Portugêes.

DESCRIÇÃO SUMÁRIA DO PROCESSO

A ideia que está na base do trabalho desenvolvido pela dupla tem como lema “quem não se envolve, não se desenvolve”. Esta aula procura ser mais do que um relato na primeira pessoa e propõe-se antes como um reflexo de um pequeno percurso partilhado entre professor, alunos e uma equipa de intervenientes educativos mais abrangente. O 10 × 10 tem sido um *processo* que tomou forma de *projeto* e reflete um trabalho de *cruzamento disciplinar*. Partindo da *experiência artística* – focando possíveis pressupostos pedagógicos – quisemos ressaltar a importância da experimentação enquanto ferramenta de aprendizagem e dar um passo a caminho de um ensino que se quer reflexivo e inclusivo. Queremos partilhar esta experiência, os seus resultados e as suas especificidades, não na esperança que possa de alguma forma propor-se como experiência generalizável, mas ressalvadas todas as suas idiosincrasias, esperar que se possa definir como um exemplo bem-sucedido de uma experiência de arte no ensino e cujas estratégias

pedagógicas possam mostrar que é possível envolvermo-nos para nos desenvolvermos, enquanto professores e alunos, mas sobretudo enquanto pessoas.

O trabalho desenvolvido com os alunos passou por pôr em prática um conjunto de micropedagogias – algumas delas experimentadas no decorrer da residência 10 × 10 em Julho; e outras atividades como exercícios de escrita criativa, sessão de voz e corpo – para a qual convidámos a Margarida Mestre, debate/sessão de Filosofia com a Dina Mendonça, entre outras.

ANA MARIA DE ABREU FERNANDES
Licenciada em Filosofia pela Faculdade de Letras da UL em 1984. Professora de Filosofia e Psicologia na Escola Secundária de Alves Redol desde 1994. Outras Atividades: Projeto *Filosofia para Crianças* (1990-1994); Projeto do *Laboratório dos Porquês* (1997/98); *Jornadas de Sensibilização às Questões do Ambiente e da Cidadania* (1998/99).

ÁGATA MANDILLO
Nascida em 1983. Licenciada em Antropologia pelo ISCTE. Frequenta atualmente o 2º ano de Doutoramento, na área da Pedagogia, Criatividade e Novas Tecnologias Digitais, na Universidade de Brighton, UK, no Departamento de Educação com uma bolsa da FCT. Tem desenvolvido trabalho criativo em projetos interdisciplinares. É contadora de histórias desde 2006.

PALAVRAS, POESIA E PLANETA

CONCEÇÃO ANA MARGARIDA NUNES E MIGUEL HORTA

APRESENTAÇÃO ANA MARGARIDA NUNES E MIGUEL HORTA

ESCOLA AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DA ABRIGADA

DURAÇÃO 45'

LOCAL SALA 1

AGRADECIMENTOS CORPO DOCENTE DO AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DA ABRIGADA, EM ESPECIAL A EQUIPA PEDAGÓGICA DA TURMA PIEF 2 E DIREÇÃO DA ESCOLA.

SINOPSE

Como uma metodologia não formal pode servir para promover a escrita, a poesia e a ilustração com base em temas de ciências naturais. Partilha dos processos vividos com uma turma PIEF (Percurso Integrado de Educação e Formação)

ENQUADRAMENTO DO PROJETO NA ESCOLA

Foi com muita abertura e interesse que o Agrupamento de escolas de Abrigada acolheu o projeto 10x10. Sendo o lema deste grupo de escolas *Valorizar o trabalho, promovendo o sucesso*, percebe-se porque é uma das poucas escolas que acolhe turmas PIEF, um programa de fim de linha para alunos com grave insucesso escolar e com fortes probabilidades de abandonarem a escola. Na Abrigada, constrói-se em conjunto, incluindo todos no processo. Quisemos trabalhar com os alunos que mais dificuldades têm em entrar nesta

vontade conjunta. A turma, constituída por 7 rapazes e 2 raparigas entre os 15 e os 18 anos, aderiu bem ao projeto, talvez por se perspetivarem aulas bem diferentes do habitual e porque, desde a primeira hora, lhes dissemos que o objetivo era construir com eles e descobrir em conjunto. Procuramos sempre incluir os colegas da equipa pedagógica neste processo, que participaram connosco nas aulas. A relação com o artista convidado não foi sempre pacífica ao longo do tempo, porque desafiar, questionar e testar limites é a forma de comunicar da maioria destes jovens. Tivemos de lhes mostrar que há formas bem melhores de nos relacionarmos com os outros e que não íamos desistir deles, mesmo que fosse essa a vontade em alguns momentos. Tivemos de lhes mostrar que as aulas podem ser interessantes, divertidas e que o conhecimento é a melhor ferramenta que podem levar para a vida.

DESCRIÇÃO SUMÁRIA DO PROCESSO

Quem sou eu no Mundo? Eis o nosso ponto de partida para o trabalho com os jovens da turma PIEF. Uma das marcas do nosso trabalho foi a alteração do espaço físico da sala de aula, propondo em cada sessão uma dinâmica coletiva a que chamámos *Plenário*; puxando pela participação, devolvendo na palavra, promovendo a comunicação crítica; enfim, seduzindo para a partilha de conhecimentos. Através de uma metodologia não formal fomos lançando vários desafios (micropedagogias) que nos permitiram chegar mais próximo dos jovens. Valorizámos sempre a cultura de origem e as vivências de cada participante, relacionando essas referências com as ciências naturais. Trouxemos para a sala de aula livros, a poesia, a ilustração, a narração oral, a expressão plástica, ferramentas web e muita comunicação, tentando aproveitar ao máximo os momentos pedagógicos em que poderíamos transmitir conhecimento. Foi dada uma atenção especial às competências sociais, promovendo a cooperação, a postura comportamental, a autonomia das ideias e o processo de avaliação conjunta.

Informação complementar em miguel-horta.blogspot.pt onde se pode consultar um conjunto de textos que quase funcionaram como diário da intervenção.

ANA MARIA NUNES

Nasceu em 1975 em Oliveira de Azeméis. Professora de Ciências Naturais e Biologia e Geologia há 16 anos. Licenciada em Biologia pela Universidade de Coimbra e mestre em Ensino da Geologia e Biologia pela Universidade de Aveiro. Desenvolve experiências pedagógicas na área da Cidadania e das Ciências, com a aplicação do jogo como ferramenta de aprendizagem (*role-play*, jogos de tabuleiro, etc).

MIGUEL HORTA

Pintor e mediador cultural. Autor e orientador de oficinas pedagógicas e de intervenções urbanas e promotor da leitura e da escrita em diferentes contextos, incluindo grupos marginalizados (prisões, necessidades educativas especiais, etc.). Autor/ilustrador infanto-juvenil. Contador de histórias. Formador na área da mediação cultural. Expôs *Troncos e Marés* na Galeria Appleton Square em 2012.

POSSO ESCREVER SOBRE MIM?

A EXPERIÊNCIA AUTOBIOGRÁFICA COMO PONTO DE PARTIDA PARA UMA PRÁTICA DE ESCRITA EM CONTEXTO DE SALA DE AULA

CONCEÇÃO MARIA BÁRCIA E MARIA GIL

APRESENTAÇÃO MARIA BÁRCIA, MARIA GIL E ALUNOS

ESCOLA ESCOLA SECUNDÁRIA C/ 3º CICLO PADRE ANTÓNIO VIEIRA, LISBOA

DURAÇÃO 45'

LOCAL AUDITÓRIO 2

AGRADECIMENTOS À EQUIPA DO 10 × 10; À ESCOLA SECUNDÁRIA PADRE

ANTÓNIO VIEIRA; AOS ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO DA TURMA CT4;

À DUPLA PEDRO JESUS/SIMÃO COSTA E À TURMA 11º D DO COLÉGIO

DAS DOROTÉIAS; À LUA CHEIA TEATRO PARA TODOS; À DINA MENDONÇA;

À JUDITH SILVA PEREIRA FUNDAMENTAL COM AS SUAS SUGESTÕES

E APOIO E A TODOS OS PROFESSORES E ARTISTAS.

SINOPSE

Começamos a aula por apresentar alguns dos materiais escritos pelos alunos durante as doze sessões de trabalho, para depois refletirmos sobre o impacto que as escritas auto/biográficas podem ter no desbloqueio da escrita. Partilhamos micropedagogias utilizadas durante o processo e terminamos com algumas respostas criativas dos alunos sobre a sua experiência neste projeto.

ENQUADRAMENTO DO PROJETO NA ESCOLA

É uma turma de 10º ano, de Ciências e Tecnologias constituída por 21 elementos (11 raparigas e 10 rapazes). Os alunos não se conheciam, vinham de escolas diferentes e pareciam ter

dificuldades em se relacionarem como turma. O projeto seria desenvolvido na disciplina de Português e foi desenhado tendo por objeto um conteúdo do programa – os *Textos Autobiográficos*. Por ser o início de um ciclo de estudos, importava que os alunos escrevessem pouco mas muitas vezes, o que nem sempre é fácil dado o bloqueio que essa atividade representa para a maior parte deles. Numa primeira abordagem, interessava pois desmontar esse bicho que é a escrita e fazê-los sentirem-se capazes para depois... escreverem, escreverem, escreverem. A relação com a dupla passaria, assim, pela relação com o projeto que pareceu aos alunos incompreensível de partida – não percebiam várias coisas: quem era

a artista, o que é que fazia ali, para que servia o projeto, que aulas eram aquelas, o que se esperava deles e no limite para que servia a disciplina de Português já que eles já sabiam ler e escrever (sic). Se no início detetámos algum receio, descrença e desmotivação, um grupo que não se conhecia, o nosso objetivo foi essencialmente formar uma equipa de trabalho, para o qual foi fundamental a forma como 'a matéria' iria ser apreendida – o falarem/escreverem sobre si próprios, sobre as suas vidas, mas também a inclusão dos pais/comunidade no projeto a desenvolver.

DESCRIÇÃO SUMÁRIA DO PROCESSO

A metodologia de trabalho entre a dupla foi definida da seguinte forma: a turma teria 2 aulas de 90 minutos por semana, uma teórica com a professora e outra prática com a professora e com a artista. Ao longo do tempo, a dupla foi-se encontrando e comunicando regularmente numa atitude de atenção constante ao que se ia passando durante o processo, refletindo, revendo e reajustando a planificação das aulas à medida que se ia avançando. Pareceu-nos importante, dado o espanto e resistência iniciais manifestados pelos alunos face às metodologias utilizadas, que em todas as sessões houvesse lugar a uma explicação inicial do que ia acontecer e permitir também uma reflexão final do que se fez. Assim, as sessões funcionariam como um ritual com abertura e fecho. Depois apareceu 'a matéria' – afinal onde está a matéria? E a matéria eram eles e o mundo que os rodeia. Daí que se procurou, desde o início, estabelecer relações com outras disciplinas, outros

assuntos, artistas, cientistas. Também saímos da sala e da escola, em grupo, assistimos a um espetáculo que fala de como 'ler o mundo' para sermos melhores leitores. Por este motivo, quando soubemos que a dupla Pedro Jesus/Simão Costa estaria a trabalhar a memória, um tema comum, pensámos que seria interessante uma partilha de experiências. Como trabalhariam um mesmo tema escolas, turmas, anos, disciplinas diferentes? Essa colaboração resultou na exposição dos materiais criados pela turma orientada pela dupla Pedro Jesus/Simão Costa na Biblioteca da nossa escola e numa sessão de escrita na rua orientada por Maria Gil, em que as duas turmas se encontraram.

MARIA BÁRCIA

Nasceu em Lisboa em 1970. Licenciou-se em Estudos Portugueses na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da UNL e é professora da disciplina de Português há 20 anos. Foi professora de português para estrangeiros em Macau, ensinou invisuais e a maioria da sua atividade desenvolveu-se em meios escolares desfavorecidos.

MARIA GIL

Nasceu em Lisboa, em 1978. Atriz, encenadora e diretora artística do Teatro do Silêncio. Foi professora de teatro durante oito anos no ensino básico, secundário e superior. Atualmente é voluntária na área da escrita criativa trabalhando com pessoas com doença mental crónica. Os seus textos e os seus espetáculos são sempre sobre a forma como vê e habita o mundo, são sempre autobiográficos.

FALAR EM INGLÊS

(NÃO TEM AULA PÚBLICA, APENAS DESCRIÇÃO DO PROCESSO DE TRABALHO)

CONCEÇÃO DORA SANTOS E SOFIA CABRITA

APRESENTAÇÃO SOFIA CABRITA

ESCOLA ESCOLA SECUNDÁRIA SEOMARA DA COSTA PRIMO, FALAGUEIRA

DURAÇÃO 10'

LOCAL AUDITÓRIO 2

AGRADECIMENTOS COMUNIDADE ESCOLAR DA ESCOLA SECUNDÁRIA

SEOMARA DA COSTA PRIMO.

SINOPSE

Apresentação sumária do trabalho desenvolvido pela dupla: a introdução de novos elementos na aula que alteram o ritual conhecido (o espaço, a relação professor aluno, a preparação do professor); o contexto escolar e o envolvimento de docentes e discentes no plano de trabalho desenhado.

ENQUADRAMENTO DO PROJETO NA ESCOLA

A disciplina de Inglês aparece, nesta escola, como uma das duas disciplinas que, juntamente com a Matemática, apresenta piores resultados. O trabalho desta dupla assentou na procura de pedagogias que motivassem os alunos a olharem para o inglês como uma ferramenta necessária ao presente e ao futuro e, sobretudo, que experimentassem o entusiasmo de falar numa língua estrangeira. A turma escolhida pela professora corresponde à união de duas turmas de 11º ano dos cursos profissionais de Técnico

de Comércio e Técnico de Gestão.

A turma caracteriza-se por apresentar níveis de inglês muito diferentes, pouca relação enquanto grupo e objetivos escolares distintos. A relação da dupla com os alunos foi sendo criada aula a aula, a artista foi sendo apresentada à Escola, integrada na sua dinâmica, de modo a que o trabalho realizado pela dupla fosse devidamente contextualizado e tivesse frutos dentro do tempo limitado do projeto.

DESCRIÇÃO SUMÁRIA DO PROCESSO

O nosso trabalho enquanto dupla artista/professor foi elaborado faseadamente. Em primeiro lugar importou estabelecer objetivos concretos relacionados com aquela que a professora indicava ser a maior dificuldade dos alunos: a expressão oral (associada à falta de vocabulário, à timidez, ao medo de errar, à falta de prática). Depois, tratou-se de criar e recriar exercícios que ajudassem

a superar as questões identificadas, sempre sob a temática curricular do *Consumo*. Fomos fazendo ajustes, semana a semana, de acordo com os resultados obtidos, com as reações do grupo e com o avanço da matéria. O outro ponto de intervenção prendeu-se com as regras que pautavam a aula propriamente dita, muitas vezes refém de uma previsibilidade que facilitava a distração, atrasos, pouca participação e reforçado esforço vocal, físico e emocional da professora. Assim, trabalhámos no sentido de intervir no espaço físico da sala, nas regras de comunicação, no modo como começava e acabava a aula e na gestão menos angustiante do tempo. Foi de uma grande importância para esta dupla o entendimento de que era preciso intervir também no sentido de gerir melhor o dispêndio de energia da professora, fazendo um uso adequado da voz e do corpo. Assim, foi proposto pela artista ao grupo de professores, uma micro formação a que chamámos "O corpo e voz na relação de comunicação". A afluência foi muito superior à esperada porque, segundo

os professores, existe uma enorme necessidade de receber formação continuada nestas áreas. Perto do final a professora decidiu desistir da aula pública.

DORA SANTOS

Nasceu em Lisboa, em 1965. Licenciada em Línguas e Literaturas Modernas, variante de Estudos Portugueses e Ingleses, pela Faculdade de Letras (Lx, 1994). Mestre em Ciências de Educação: especialização em Informática Educacional, U. Católica (Lx, 2007), é professora de Inglês desde 1992 e formadora reconhecida pelo IEFP desde 2003.

SOFIA CABRITA

Nasceu em Lisboa, em 1981. Pós-graduada em Comunicação e Artes pela FCSH, formada pelas escolas de Teatro do Gesto Estudos de Teatre (Barcelona, 2000) e Kiklos-Scuola (Pádua, 2002) e licenciada em Formação de Atores pela ESTC (Lisboa, 1999). Encenadora, atriz, locutora e professora de teatro no ensino superior, secundário e alternativo.

HABITÁCULO(S) DE MEMÓRIAS

CONCEÇÃO PEDRO JESUS E SIMÃO COSTA

APRESENTAÇÃO PEDRO JESUS, SIMÃO COSTA E ALUNOS

ESCOLA COLÉGIO DE SANTA DOROTEIA

DURAÇÃO 45'

LOCAL SALA 1

AGRADECIMENTOS À GULBENKIAN E AO CENTRO DE FORMAÇÃO DE

ESCOLAS ANTÓNIO SÉRGIO; DINA MENDONÇA, JUDITH SILVA PEREIRA,

MARIA MANUEL; IR. MARIA DA CONCEIÇÃO AMORIM E PROF. JOÃO

MORENO; JACINTO LUCAS PIRES, RUI LIMA MIRANDA, PEDRO BENVINDO

E ANA FINO, JOSÉ PEQUENO, ALEXANDRA PAIO E BÁRBARA VARELA,

MARIA BÁRCIA, MARIA GIL E ALUNOS DO 10^oCT4 DA ESCOLA

SECUNDÁRIA PADRE ANTÓNIO VIEIRA.

SINOPSE

Cada aluno/autor foi convidado a criar um heterónimo com identidade e recursos próprios, através do qual respondesse aos enunciados de partida: a pesquisa, pelo desenho, de modos de expressão que permitissem superar dificuldades e constrangimentos; a conceção e materialização de um objeto/habitáculo para as memórias do personagem criado. Ambiciona-se, nesta aula, *dar a ver* as memórias entretanto construídas.

ENQUADRAMENTO DO PROJETO NA ESCOLA

Nos últimos anos, o Colégio de Santa Doroteia, e de modo particular o seu departamento de Artes, tem procurado

desenvolver a sua ação tentando romper os limites tradicionais da escola, normalmente definidos pela rigidez dos programas e a geografia física delimitada pelos seus muros. Por outro lado, os professores que integram o departamento têm procurado envolver-se, a título individual, na busca e partilha de conhecimento através da participação e organização de encontros significativos de coletivos de professores e autores ligados às artes visuais.

Esta participação no projeto 10x10 é, dessa procura, também, consequência. E, nesse sentido, constituiu-se como oportunidade de dar continuidade a essa ideia de alargamento e enriquecimento das propostas curriculares a envolver os alunos.

A turma onde o projeto se concretizou é constituída por 4 alunos do curso de artes visuais a frequentar o 11º ano, recetivos à aprendizagem pela descoberta e ao aprender fazendo. Com noção do carácter exploratório do desafio proposto aos alunos, a dupla tentou que as respetivas intervenções ajudassem a: tornar tão claros quanto possível os enunciados de partida; acompanhar, provocar, sugerir e incentivar os autores nos seus *novos* processos de *ver* e *dar a ver*. Sempre numa lógica de complementaridade e não de sobreposição, diversas estratégias de dar a ver o som procuraram contribuir para uma melhor compreensão dos conteúdos específicos da gramática visual.

DESCRIÇÃO SUMÁRIA DO PROCESSO

Encontros regulares para partilha de ideias e hipóteses de caminho a seguir. Exercícios introdutórios à utilização das memórias como material de criação. Criação de heterónimos criativos. Elaboração de enunciados de exercícios de desenho, a partir dos constrangimentos dos heterónimos criados, a responder ao longo do trimestre. Participação em visita de estudo à exposição *O museu é o mundo*, de Helio Oiticica, no Museu Berardo. Elaboração de projeto de criação de objeto/habitáculo de memórias para os heterónimos. Visionamento de experiências de representação visual do som e analogias com processos de manipulação dos elementos estruturais da linguagem plástica. Momentos de cruzamento de experiências com a turma 10ºCT4 da Escola Secundária Padre António Vieira, igualmente

envolvidas no 10 x 10 com a dupla constituída pela professora Maria Bárcia e a atriz Maria Gil. Contacto com autores que implementaram projetos artísticos numa lógica de autoiniciativa: Jacinto Lucas Pires, escritor; José Pequeno, arquiteto; Rui Lima Miranda, gestor. Fruição e desmontagem de esculturas sonoras do projeto *C-vib*, da autoria do músico Simão Costa, na Fundação Gulbenkian. Construção dos habitáculos. Criação de um espaço de partilha *online* em ambiente *tumblr* do processo seguido. Conceção coletiva do projeto de aula pública.

PEDRO JESUS

Nasceu em 1977 no Funchal. É arquiteto (FA-UTL). Trabalha em arquitetura e design. Pós-graduado em Desenho Urbano pelo ISCTE, IUL. Professor de Artes Visuais no Colégio de Santa Doroteia, Lisboa. Membro da direção da Aproved. Tem participado e colaborado na organização de encontros de professores de Desenho e Geometria Descritiva. Vive e trabalha em Lisboa.

SIMÃO COSTA

Nasceu em 1979. O seu trabalho liga objetos/instrumentos, eletrónica/código informático, materializando peças sonoras que envolvem vários meios e formas (concertos, instalações, etc.). Trabalha a solo e em colaboração com músicos, artistas plásticos, intérpretes e performers. Desenvolve projetos educativos que relacionam tecnologia e criatividade. O seu trabalho tem sido apresentado em Portugal e no estrangeiro.

O CADERNO COMO OFICINA DE EXCELÊNCIA

CONCEÇÃO MÁRIO LINHARES E RICARDO JACINTO

APRESENTAÇÃO MÁRIO LINHARES, RICARDO JACINTO E ALUNOS

ESCOLA COLÉGIO DE SANTA DOROTEIA

DURAÇÃO 45'

LOCAL AUDITÓRIO 2

AGRADECIMENTOS MARGARIDA BATISTA, JOANA COUCEIRO, INÊS FALCÃO, CARLOTA BELO, CATARINA LOURENÇO; JACINTO LUCAS PIRES, EDUARDO SALAVISA, PEDRITA (PEDRO FERREIRA E RITA JOÃO), LAPIN, IR. MARIA DA CONCEIÇÃO AMORIM E JOÃO MORENO.

SINOPSE

Desde pequenos que a escola nos ensina a usar uma capa dura com argolas dentro, folhas com linhas, separadas por cartolinas – é o famoso dossiê! Contudo, não seria fascinante aprendermos, desde cedo, o encanto de registar num caderno os conteúdos teóricos e práticos, relacioná-los e tirar novas conclusões, tal como se faz na vida profissional?

ENQUADRAMENTO DO PROJETO NA ESCOLA

A turma é composta por 5 elementos do género feminino a estudar no 12.º ano de escolaridade. O seu currículo escolar tem três disciplinas de formação artística – Desenho A, Oficina de Artes e Materiais e

Tecnologias – e três de formação geral – Português, EMRC e Formação Humana.

O processo de trabalho da dupla com as alunas baseou-se numa presença semanal durante as aulas de Desenho A, onde foram lançados exercícios que pretendiam gerar metodologias de trabalho que proporcionassem surpresas e acasos. Desde cartografias sonoras a retratos metamorfoseados, passando por registos quotidianos a partir de textos, até à conjugação de conteúdos teóricos com práticos entre diferentes disciplinas. Todo o processo foi acompanhado, dialogado e avaliado regularmente entre alunas, o professor e o artista, havendo uma relação perfeitamente articulada com a escola.

DESCRIÇÃO SUMÁRIA DO PROCESSO

O trabalho desenvolvido pela dupla iniciou-se com a definição prévia de um conjunto de exercícios e estratégias de aplicação e desenvolvimento do projeto no contexto da escola e da turma em particular, estabelecendo um conjunto de objetivos e uma cronologia de exercícios e atividades.

A dupla encontrou-se todas as segundas feiras com a turma, durante duas horas letivas, e neste período reviram e discutiram em conjunto com as alunas os exercícios propostos na sessão anterior, propondo novas abordagens que muitas vezes incorporaram as matérias de outras disciplinas ou interesses pessoais das alunas.

Durante o trimestre um conjunto de profissionais, cuja prática implicava uma relação muito frequente com um caderno, foi convidado a falar sobre esta relação e sobre o seu modo de usar este objeto. Interessou-nos dar um panorama alargado desta questão e para isso convidámos um escritor, um *urban sketcher*, dois *designers* de equipamento, que mostraram os seus próprios cadernos e falaram da sua experiência prática e um professor de desenho que fez um enquadramento histórico do uso e importância do diário gráfico/cadernos de apontamentos no

pensamento e prática artística. Durante todo o processo foi constantemente solicitado às alunas um olhar crítico e argumentativo sobre o seu caderno, nas respostas que davam aos exercícios propostos, bem como nas suas propostas de articulação com as outras disciplinas ou atividades extracurriculares.

MÁRIO LINHARES

Nasceu em Oeiras, vive em Sintra e trabalha em Lisboa. Estudou na António Arroio, depois em Viana do Castelo e, mais tarde, Design de Equipamento na FBAUL. Desde cedo começou a conjugar o ensino e o design trabalhando em várias instituições públicas e privadas. Está a terminar o Mestrado em Ensino das Artes Visuais pela Universidade de Lisboa.

RICARDO JACINTO

Nasceu em Lisboa, em 1975. Curso de Escultura e curso avançado de Artes Plásticas no AR.CO e licenciatura em Arquitetura pela FAUTL. Intercâmbio na School of Visual Arts, Nova Iorque. Estudou Música no Hot Clube e Composição na Academia de Amadores de Música. Realiza exposições, concertos e performances em Portugal e no estrangeiro. Colabora regularmente com outros artistas plásticos, coreógrafos, músicos e performers.

PARTILHAR FILOSOFICAMENTE

CONCEÇÃO ANTÓNIO R. MARTINS E PEDRO SENA NUNES

INTERVENIENTES ANTÓNIO R. MARTINS E ALUNOS DO 10º ANO

DE ESCOLARIDADE DA ESCOLA SECUNDÁRIA PADRE ANTÓNIO VIEIRA

DURAÇÃO 30*

LOCAL AUDITÓRIO 2

AGRADECIMENTOS JUDITH SILVA PEREIRA, MARIA LEMOS BÁRCIA,

ALUNOS 10º ANO ESCOLA SECUNDARIA ANTÓNIO PADRE ANTÓNIO

VIEIRA, NUNO COSTA E JOÃO PELICA.

SINOPSE

Sabe-se que na vida corrente associamos sentidos às coisas sem que previamente tenhamos pensado nisso. Um professor dialoga, na presença de um realizador e de um operador de câmara, com alunos da área científica do ensino secundário, sobre o interesse e desinteresse pela Filosofia.

ENQUADRAMENTO DO PROJETO NA ESCOLA

Embora esta tenha sido uma dupla com um projeto sem escola e sem turma, percebemos que as nossas intenções tornariam o projeto adaptável a qualquer turma, em qualquer circunstância, pelo que aceitámos o desafio de nos cruzarmos com alunos da Escola Secundaria Padre António Vieira com o objetivo de escutar, explorar e apreender a interpretação, utilidade e relação que os alunos têm com a Filosofia no mundo do seu quotidiano. Pergunta-se, portanto: Que exemplos do profundo

dia a dia poderão mostrar a presença filosófica?

Na presente experiência pretendemos valorizar o processo, não partir de definições acabadas. Foi como ir do filosofar para o que é a Filosofia. A imagem é semelhante ao objeto, mas parece estar por detrás do espelho. Parece mas não está..., vemos nós que, relativamente à imagem, também nos encontramos por detrás do espelho... Ou seja: há o ver que é refletido e um ver *refletinte*, que é filosófico.

A relação com os alunos procurou mostrar, assim, que filosofar é um ver por detrás do espelho.

A partir do filme será traçada uma visão de futuro.

DESCRIÇÃO SUMÁRIA DO PROCESSO

Começámos por desenvolver uma mútua descoberta das nossas áreas de interesse: a filosofia e o cinema e tentámos cruzá-las nos vários encontros que fomos tecendo. Como

dupla atípica, uma vez que não tínhamos nem escola, nem turma, nem alunos, fomos ajustando a nossa reflexão numa contínua e genérica soma de etapas sobre as questões que a filosofia suscita, em particular as situações de distância e antipatia sugeridas por muitos alunos.

Mediante a elaboração de um texto, que seria base de uma interpretação fílmica, iniciámos o processo de pesquisa para a criação do espaço cénico, bem como o trabalho de interpretação. Posteriormente, fomos orientados, pela equipa coordenadora do projeto 10×10, para procurar o contacto direto com alunos do ensino secundário como fonte informativa para a reescrita do texto.

Os relatos de experiência e relação com a filosofia por parte dos alunos transformaram-se em matéria fílmica, para editarmos de forma aliciante uma sequência representativa dos interesses

e desinteresses gerais e particulares pela filosofia. O filme dá a pensar um mundo de repercussões, mais disponível, sempre ligado à filosofia, que está no centro do diálogo. Conclusão: não há uma relação direta entre as intenções, e, neste caso, o resultado.

ANTÓNIO R. MARTINS

Professor de Filosofia desde 1992.
Formador na mesma área desde 1999.

PEDRO SENA NUNES

Nasceu em Lisboa em 1968. Estudou cinema em diferentes escolas europeias. Foi cofundador do Teatro Meridional. Realiza documentários, ficções e *spots*. É professor da ETIC e diretor artístico da Vo'Arte. Criador multidisciplinar e codiretor do InShadow e InArte. Colabora com a CiM na integração de pessoas com necessidades especiais. Recebeu vários prémios nacionais e internacionais.

10×10 é um projeto piloto que promove a colaboração entre artistas e professores de diversas disciplinas do ensino secundário, com o objetivo de desenvolver estratégias de aprendizagem eficazes para captar a atenção, motivar e envolver os alunos na sala de aula. Teve início em julho de 2012 com uma Residência dedicada à reflexão e partilha de experiências entre professores e artistas, seguida de um período de 3 meses de trabalho nas escolas, implicando 10 duplas de professores/artistas e a participação dinâmica dos respetivos alunos. O resultado deste processo pedagógico é agora apresentado na Fundação através da realização de aulas públicas que assumem diferentes formatos.